

PERFIL DE LEITURA EM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE MINAS GERAIS¹

READING PROFILE IN PSYCHOLOGY STUDENTS OF A HIGHER EDUCATION INSTITUTION IN MINAS GERAIS

PERFIL DE LECTURA EN PSICOLOGÍA ESTUDIANTES DE UNA INSTITUCIÓN DE EDUCACIÓN SUPERIOR DE MINAS GERAIS

Karine Aparecida Texeira²
Juscimar Gonçalves Silva³
Regina Lúcia de Souza⁴

Resumo: Objetivou-se conhecer o perfil dos estudantes, com dificuldade leitora, do curso de Psicologia de uma Instituição de Ensino Superior de Minas Gerais. Realizaram-se entrevistas com 43 estudantes, utilizando-se a análise de conteúdo. As dificuldades de leitura mais citadas foram interpretação e concentração, constatando-se que a motivação para a leitura está direcionada à vida acadêmica. Os participantes deste estudo, que declararam ter dificuldade leitora, possuem perfil semelhante ao encontrado em outras pesquisas. Concluiu-se ser importante conhecer o perfil dos estudantes universitários sobre seu processo de leitura, para que a gestão dos cursos e seus docentes promovam a qualidade leitora dos estudantes.

Palavras-chave: Estudantes. Psicologia. Dificuldade. Leitura.

Abstract: The objective was to know the profile of students, with reading difficulties, from the Psychology course of a Higher Education Institution in Minas Gerais. Interviews were conducted with 43 students, using content analysis. The most cited reading difficulties were interpretation and concentration, showing that the motivation for reading is directed to academic life. The participants in this study, who reported having reading difficulties, have a profile similar to that found in other studies. It was concluded that it is important to know the profile of university students about their reading process, so that the management of the courses and their teachers promote the reading quality of students.

Keywords: Students. Psychology. Difficulty. Reading.

¹Esta pesquisa foi financiada pela FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisas de Minas Gerais.

²Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Católico do Leste de Minas Gerais (UNILESTE). E-mail: tkarine02@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2784-3599>

³Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Católico do Leste de Minas Gerais (UNILESTE). E-mail: juscimar1@live.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9136-3760>

⁴Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário Católico do Leste de Minas Gerais (UNILESTE). E-mail: reginalucia.souza@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3541-6634>

Resumen: El objetivo fue conocer el perfil de los estudiantes, con dificultades lectoras, del curso de Psicología de una Institución de Educación Superior en Minas Gerais. Se realizaron entrevistas con 43 estudiantes, utilizando análisis de contenido. Las dificultades de lectura más citadas fueron la interpretación y la concentración, mostrando que la motivación por la lectura se dirige a la vida académica. Los participantes de este estudio, que refirieron tener dificultades en la lectura, tienen un perfil similar al encontrado en otros estudios. Se concluyó que es importante conocer el perfil de los estudiantes universitarios sobre su proceso de lectura, para que la gestión de los cursos y sus docentes promuevan la calidad lectora de los estudiantes.

Palabras clave: estudiantes. Psicología. Dificultad. Leer.

Submetido 15/01/2021

Aceito 18/06/2021

Publicado 18/07/2021

Introdução

O ingresso no ensino superior exige do estudante universitário o domínio de várias habilidades, entre elas a proficiência na leitura. Considera-se que, ao alcançar esse nível de ensino, o acadêmico terá desempenho adequado de leitura e compreensão do conteúdo lido. No entanto, a experiência docente de muitos professores tem mostrado que uma parcela desses alunos apresenta dificuldades na leitura e compreensão do texto lido, conseqüentemente o desempenho escolar não atende às expectativas do ensino superior. Soma-se a isso o fato desse estudante ser considerado um aluno “fraco” e “desinteressado”, seja pelos colegas ou pelos professores, impactando na sua formação e autoestima. Quando algum professor se interessa pelo desempenho desses alunos e os questionam em relação às suas dificuldades, muitos deles tentam disfarçar uma dificuldade real que os acompanhou ao longo de suas trajetórias escolares e sofrido durante a graduação.

Questões sócio-históricas e políticas educacionais, de acordo com Bordenave e Pereira (2004), podem ter influência nos hábitos e práticas de leitura dos estudantes, questões essas promovidas durante o processo de escolarização, que antecede a entrada no ensino superior. Esses fatores são evidenciados nos resultados do desempenho dos estudantes brasileiros no Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (PISA), conforme dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (BRASIL, 2016), no qual as avaliações dos alunos brasileiros são comparadas com as de estudantes dos países que fazem parte da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Além desses resultados serem constatados na dificuldade dos estudantes em atingir as metas estipuladas no Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), segundo dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) (BRASIL, 2017).

Essa condição defasada do ensino nos anos anteriores ao ensino superior reflete no processo de leitura exigida na graduação. Além dos fatores apontados por Bordenave e Pereira (2004), Tourinho (2011) destaca que o perfil do leitor brasileiro sofre influência de vários fatores, tais como: a sua formação, no que tange ao ambiente familiar e escolar, e a massificação do ensino, que impactam na perda da qualidade do ensino universitário. O ideal de sujeito leitor, reitera o autor, passa por questões sociopolíticas e culturais. Tourinho ainda complementa que a leitura deve ir além de uma obrigação de ensino, ela deve ser uma atividade de prazer, de busca de informações e conhecimentos que formem cidadãos críticos e

promova mudanças na realidade na qual se está inserido. Nesse sentido, Mullan (2010) adverte sobre a importância dos pais no processo de aquisição da habilidade de leitura, pois quando os filhos os observam exercitando-a, principalmente por períodos prolongados, amplia-se o leque de significados e aprendizados, gerando neles comportamentos positivos quanto à leitura.

Além das condições sócio-históricas e políticas que impactam na capacidade leitora dos estudantes universitários, outros fatores têm papel importante na formação do leitor. Mello (2006) destaca a interferência que a qualidade do sono tem sobre a capacidade do aluno em permanecer concentrado o suficiente para a execução das tarefas exigidas. Abrantes (2012) destaca a ausência de tempo, principalmente para o aluno trabalhador, e a ausência de uma rotina organizada, com horários pré-estabelecidos, para a realização dos estudos, visando a superar a escassez de tempo, geralmente alegada pelo estudante trabalhador. Outro motivo, como identificaram Carvalho *et al.*, (2006), deve-se à condição de os estudos terem se tornado cada vez mais fragmentados, devido ao fato deles não realizarem a leitura de um livro ou até mesmo de um artigo na íntegra, lendo, muitas vezes, somente recortes dos textos. Desse modo, A partir da experiência acadêmica dos autores deste estudo, considera-se importante destacar o outro lado dessa condição de leitura fragmentada dos materiais acadêmicos solicitados pelos docentes. Entende-se que se a leitura está ocorrendo de forma fragmentada pelos graduandos, isso se deve, também, ao fato de os docentes solicitarem, em grande parte, leitura de artigos e textos, mas raramente de um livro. Vale ressaltar, ainda, que a interação com os conteúdos, a partir de fontes diversificadas, potencializa a habilidade do estudante de abstrair o conteúdo aprendido para, assim, consolidá-lo em conhecimento (SILVA *et al.*, 2015).

Algumas pesquisas, que investigaram o comportamento de leitura de estudantes de cursos de graduação diversos, possibilitaram uma visão geral do processo de leitura encontrado como fator comum entre os universitários participantes dos estudos. Alves (2007) pesquisou o comportamento de graduandos de um Curso de Pedagogia, quanto ao ato de ler, e classificou-os como imaturos por não apresentarem leitura crítica esperada na universidade, considerando que eles não estão aptos à linguagem científico-acadêmica. Rosa (2014) identificou, em seus estudos, que o nível de compreensão de leitura é baixo entre estudantes dos cursos de Pedagogia e Letras. É importante refletir que esses estudantes, futuros

profissionais, serão formadores de outros leitores. Silva e Wintter (2008) investigaram a compreensão de leitura de estudantes de Psicologia e identificaram que a leitura realizada por eles não corresponde ao que se espera para o nível superior.

Diante desse cenário, como os cursos superiores devem lidar com as dificuldades de leitura dos universitários? As pesquisas de Silva e Wintter (2008) afirmam que é fundamental intervir de forma a desenvolver, contínua e sistematicamente, a compreensão da leitura para os estudantes que apresentam dificuldades, assim como capacitar os professores para que promovam esse desenvolvimento, objetivando melhorias no processo de leitura, sendo o papel do professor um diferencial na promoção do desenvolvimento de um estudante motivado a ler (ALVES, 2007), tendo em vista que a probabilidade de sucesso do aluno no ensino superior, segundo Silva e Santos (2004), relaciona-se a sua habilidade de leitura.

Oliveira *et al.* (2015) corroboram afirmando que é responsabilidade da escola possibilitar o ensino da leitura de maneira correta e adequada, sendo o professor um mediador. Para que isso ocorra com sucesso é necessário, segundo Solé (1998 *apud* ARANA *et al.*, 2013), que o aluno tenha conhecimento de mundo e conhecimento prévio sobre o conteúdo a ser lido.

Desse modo, entende-se ser fundamental conhecer os fatores que dificultam o processo de leitura e compreensão leitora do graduando e como as Instituições de Ensino Superior (IES) devem lidar com essa dificuldade de seus estudantes, e ainda que cada um dos atores da escola assuma suas responsabilidades visando a minimizá-la. Em concordância com essas orientações, Belluce *et al.* (2011) consideram que, embora os estudos mostrem que a dificuldade em compreensão leitora decorre dos níveis de ensinamentos anteriores aos universitários, as IES e, conseqüentemente, os cursos de graduação e seus respectivos docentes não podem eximir-se dessa realidade, sendo necessário promover ações para desenvolver, nos estudantes, uma leitura proficiente. Assim, Cantalice (2004) considera necessário o ensino de estratégias de leitura a serem trabalhadas com os alunos como uma maneira de potencializar seu desenvolvimento. Desse modo, é fundamental que o professor, além de conhecer os conteúdos específicos que leciona, também busque conhecer sobre o ensino de leitura, complementa Santos (2007).

No ato de ler é imprescindível a compreensão do que foi lido (OLIVEIRA; SANTOS, 2005). À medida que os graduandos não compreendem o que leem, essa dificuldade de leitura

faz com que eles evitem atividades que exijam leitura. Por sua vez, a falta de prática como leitor não possibilitará, ao futuro profissional, fluência e aquisição de conhecimentos importantes para desempenhar a profissão, como alerta Santos (2004 *apud* ALCARÁ; SANTOS, 2015).

Essa realidade, de acordo com a literatura da área, está cada vez mais comum de ser encontrada, exigindo que os docentes e a instituição a conheçam e busquem estratégias para promover o desenvolvimento acadêmico dos alunos, que apresentam essa condição em relação ao seu processo de leitura. Os estudos mostram que conhecer o perfil dos alunos, que apresentam dificuldades de leitura, é uma contribuição importante para a elaboração de estratégias de intervenção que visem à melhoria na compreensão leitora dos estudantes universitários, que apresentam dificuldades. Nesse sentido, este estudo objetivou conhecer o perfil dos estudantes de um curso de Psicologia, que apresentam dificuldade de leitura, e contribuir para a compreensão dessa realidade no campo do ensino superior.

Metodologia

A pesquisa realizada foi descritiva, exploratória e de campo. Segundo Gil (2002), uma pesquisa exploratória tem por finalidade “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (GIL, 2002, p. 41). Trata-se, ainda, de um estudo de abordagem qualitativa. De acordo com Minayo (2014), ao considerar questões relativas à história do indivíduo, os elementos presentes nela constituem-se recurso que permite explorar, descobrir e avaliar, em profundidade, vários fatores no seu discurso.

Visando conhecer o perfil dos estudantes de um curso de Psicologia de uma IES situada na região do Vale do Aço (MG) entrevistou-se 43 estudantes desse curso, de ambos os sexos, que declararam apresentar dificuldades de leitura. Os critérios de inclusão foram: estar matriculado no curso de Psicologia da referida instituição, declarar que apresenta dificuldades de leitura, assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e aceitar participar do estudo. Os critérios de exclusão foram: estudantes que não comparecerem para a participação na entrevista; os que não responderem à entrevista em sua totalidade; os que não apresentaram, durante a entrevista, dificuldade leitora e que, depois de selecionados para participar do estudo, trancaram suas matrículas antes da realização da entrevista.

A amostra foi não probabilística. Essa, segundo Gil (2008), refere-se a um tipo de amostragem mais livre e que, sendo assim, não constitui exigência estatística. Selecionam-se os participantes como forma de representar uma amostragem geral.

Foi utilizado, como instrumento de pesquisa, um roteiro de entrevista semiestruturado que contemplou questões fechadas e abertas adaptadas de estudos referentes ao tema investigado (ALVES, 2007; DIAS; SILVEIRA, 2010; OLIVEIRA, 2011; TOURINHO, 2011). A entrevista semiestruturada é “um conjunto de temas preparados antes da entrevista para vir a ser explorado com cada entrevistado” (BELL, 2003 *apud* NUNES, 2005, p. 209).

A realização da pesquisa foi autorizada pela coordenação do curso de psicologia. Posteriormente, a proposta de estudo foi apresentada aos estudantes em suas respectivas salas de aula e eles convidados a participar. As entrevistas foram realizadas no serviço-escola de psicologia do curso, individualmente e de acordo com a disponibilidade dos estudantes. Na ocasião, os pesquisadores elucidaram sobre os objetivos do estudo e os cuidados éticos, solicitando leitura e assinatura do TCLE. Os entrevistados consentiram a gravação das entrevistas que foram transcritas na íntegra.

A análise dos dados coletados ocorreu por meio da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 1970), que incide em descobrir os núcleos de sentido presentes em uma comunicação, cuja presença ou frequência represente algo para o objetivo analítico pretendido.

Este presente estudo pautou-se nos critérios de autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade, conforme estabelece a resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012) e nas especificidades éticas das pesquisas nas ciências humanas e sociais e de outras que utilizam metodologias próprias dessas áreas de acordo com a resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016).

Ressalta-se que o projeto desta pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética, com parecer nº 2.696.789.

Resultados e Discussão

O estudo analisou a caracterização dos dados sócio-demográficos dos estudantes participantes e a identificação dos aspectos sócio-históricos que inferem no desenvolvimento das suas respectivas dificuldades no processo de leitura.

Dos 43 estudantes que participaram da entrevista, nove eram do sexo masculino e 34 do sexo feminino. A idade variou entre 18 e 58 anos e a renda média familiar entre um e 70 salários mínimos. Em relação à raça, oito se autodeclararam negros, 16 pardos e 19 brancos. Sobre a escolaridade, 76,74% dos participantes afirmaram que frequentaram a maior parte da escolarização, antes da entrada na graduação, em escolas públicas, enquanto 23,2% declararam ter estudado em escolas particulares. Em relação a exercer trabalho remunerado, 51,16% dos alunos não exerciam esse tipo de atividade, 44,18% exerciam e 4,65% participantes não responderam à pergunta.

Como mencionado, identificou-se que a trajetória escolar de 76,74% alunos foi maior em escolas públicas. Esse dado coloca em discussão a questão da qualidade da educação básica no Brasil. Estudos têm destacado, no histórico de alguns alunos que concluíram o ensino fundamental e médio em escolas públicas, a não aquisição da habilidade de leitura. Tal problema é evidenciado, por exemplo, no desempenho dos estudantes brasileiros em exames internacionais, quando comparados com alunos de outros países (CABRAL; TAVARES, 2005; CUNHA; SANTOS, 2006; SANTOS *et al.*, 2004; SILVA; WITTER, 2008 *apud* BELUCE *et al.*, 2011).

O relatório “Brasil no PISA 2015” (BRASIL, 2016), que tem como objetivo analisar o desempenho dos estudantes brasileiros em áreas como matemática, ciências e leitura, apontou que, embora os resultados do país venham crescendo, ele ainda ocupa as posições mais baixas do ranking, apresentando resultados abaixo da média dos países que compõem a (OCDE). Outro instrumento utilizado para identificar o desenvolvimento dos estudantes do nível básico brasileiro é o (IDEB) (BRASIL, 2017). Ele aponta que, desde 2013, o Brasil não atinge a meta estabelecida no (PDE) para os anos finais do ensino fundamental e o ensino médio.

Considerando a influência do fator trabalho remunerado no desempenho dos alunos, nesta pesquisa constatou-se que metade dos estudantes não exercia atividade profissional remunerada, enquanto a outra metade trabalhava. Esse resultado difere da realidade de outros estudos que apontam que a maioria dos estudantes universitários, que estudam no horário noturno, são trabalhadores. Entretanto, a quantidade de alunos participantes, deste estudo que enfrentam jornada dupla, de trabalho ainda é significativa. Inevitavelmente, o fator trabalho compete para influenciar negativamente no desempenho acadêmico desses alunos. Abrantes (2012) descreve as estratégias dos alunos trabalhadores: eles estudam de madrugada, aos fins

de semana, nas horas vagas, nos intervalos e após as aulas noturnas. Esses estudantes apresentam escassez de tempo para realizar atividades acadêmicas que, conseqüentemente, envolvem a leitura, como, por exemplo, elaborar pesquisas, desenvolver trabalhos com qualidade e estudar para as avaliações.

No que se refere aos aspectos sócio-históricos e sua possível interferência no processo de leitura dos estudantes, foram elencados os aspectos emitidos com maior frequência nas respostas dadas pelos entrevistados. Os dados demonstraram que dos 43 entrevistados que se autodeclararam com dificuldades de leitura, 62,79% alegaram que gostam de ler, 44,18% gostam mais ou menos e 4,65% não gostam de ler. Ainda assim, a maioria 76,74% afirmou possuir estantes com livros em casa.

Mesmo a leitura sendo fator fundamental no decorrer do curso de graduação, pois influencia diretamente na formação e qualificação profissional, os dados apresentados parecem mostrar que a dificuldade leitora pode ser específica para a leitura acadêmico-científica, sendo importante, conforme Silva e Wintter (2008), a IES e os professores providenciarem estratégias para promover a leitura e a compressão dos conteúdos acadêmicos solicitados nos cursos.

Silva e Santos (2004), ao analisarem pesquisas brasileiras realizadas com universitários, identificaram habilidades básicas que interferem no desempenho acadêmico, entre elas a compreensão do conteúdo lido. Os achados dos autores mostraram que a probabilidade de um estudante ser bem-sucedido no ensino superior está diretamente ligada a uma leitura que seja compreensível, rítmica, concentrada, flexível, crítica e criativa.

Apesar de vários estudos apresentarem a necessidade de capacidade leitora para uma análise crítica e compreensiva dos conteúdos, que uma formação superior exige, 41,86% estudantes entrevistados nesta pesquisa alegaram que a principal intenção ou motivação para o desenvolvimento da leitura atribui-se especificamente à realização dos trabalhos acadêmicos solicitados pelos professores e apenas 27,90%, destacaram que utilizam a leitura como forma de ampliar a qualidade da formação profissional. Isso pode estar ligado às reflexões propostas por Tourinho (2011), ao orientar que, mesmo diante de discursos enfatizando a relevância dos universitários se constituírem leitores críticos e criativos, as metodologias propostas no ensino superior preconizam uma leitura isolada, não estruturada e dispersa, o que conduz a mais desinteresse por parte dos universitários. Sendo assim, a leitura é concebida como uma prática

obrigatória, desprovida de prazer, percebida como tarefa a ser cumprida, na maioria das vezes, em prol de pontuação e aprovação nas disciplinas.

Nesse cenário de dificuldade leitora e da leitura ser concebida como obrigatoriedade, 90,69% dos entrevistados reconheceram a necessidade de desenvolvê-la. Essa resposta conduz à conclusão de que, mesmo os estudantes realizando a leitura em cumprimento à demanda acadêmica, ainda assim, a maior parte desses alunos assume a importância da leitura e a considera como fonte de auxílio ao pensamento crítico.

Nessa perspectiva, Silva e Witter (2008) afirmam que a leitura, ao possibilitar o desenvolvimento do pensamento crítico, amplia o olhar do sujeito leitor, que passa a fazer indagações diante de um conteúdo explícito, a partir de um referencial individual de seus conhecimentos, conceitos e valores. Isso significa que, ao exercitar o hábito de ler, o estudante consegue modificar o seu modo de pensar, questionar e analisar determinadas situações.

Nesse sentido, Alves (2007) salienta que a prática leitora deve ir além dos aspectos técnicos. É preciso, também, que o leitor tenha percepção crítica e criativa e consiga atribuir sentido ao conteúdo lido. Isso depende do conhecimento prévio que ele detém sobre o assunto, conhecimento esse que exige do aluno dedicação e tempo. Entretanto, de 43 estudantes entrevistados, 74,41% alegaram que dispõem menos de 2 horas de leitura por dia; enquanto 25,58% disseram que realizam em média 3 horas de leitura diária. Isso indica a escassez de tempo destinado à leitura e a necessidade do aluno em compreender que a melhoria da capacidade leitora necessita de uma organização da rotina, com tempo destinado a essa atividade.

Santos (2007) destaca a necessidade de estabelecer uma dinâmica que, por intermédio da leitura, oportunize a compreensão de determinados contextos, possibilitando, ao leitor, a percepção da realidade. Isso condiz com a iniciativa dos estudantes ao buscarem a promoção da leitura por meio de métodos individuais de estudo. Para um melhor desenvolvimento da leitura, 55,81% dos estudantes destacaram o uso da internet como uma fonte de apoio, outros 39,53% dos estudantes afirmaram que utilizam, como estratégia de leitura, a elaboração de resumos.

Cantalice (2004) destaca que o desenvolvimento dessas habilidades potencializa a realização da leitura, oportunizando os estudantes a superar suas dificuldades e alcançar o

sucesso escolar. A autora afirma, ainda, que essas estratégias podem e devem ser introduzidas nas séries iniciais do ensino fundamental. Contudo, Alves (2007) adverte que universitários não apresentam domínio para a realização de resumos e demonstram dificuldades em identificar e criticar ideias principais apresentadas nos textos lidos.

Cinco categorias emergiram a partir dos objetivos de apresentar as percepções dos estudantes frente às dificuldades de leitura; descrever a influência do contexto familiar e escolar no desenvolvimento da leitura dos estudantes e identificar o comportamento de leitura dos estudantes, são elas: **Categoria 1** - percepção sobre o que dificulta a leitura; **Categoria 2** - fatores favoráveis à leitura dos estudantes, que participaram do estudo; **Categoria 3** - fatores desfavoráveis à leitura dos estudantes, que participaram do estudo; **Categoria 4** - trajetória escolar; e **Categoria 5** - percepção sobre o comportamento de leitura dos estudantes entrevistados.

Na **Categoria 1, Percepção sobre o que dificulta a leitura**, os estudantes participantes elencaram 13 motivos que refletem negativamente no desenvolvimento da leitura acadêmico-científica: dificuldade de concentração 48,83%; dificuldade em entender textos complexos e/ou textos que apresentam termos técnicos 44,18%; dificuldade de interpretação 27,90%; dificuldade em reter as informações lidas 6,97%; cansaço/alterações na visão 6,97%; diagnóstico médico 6,97%; temáticas novas/diferentes 4,65%; dificuldade com português/gramática 2,32%; nervosismo 2,32%; leitura em voz alta 2,32%; dedicar tempo à leitura 2,32%; readaptação ao contexto acadêmico 2,32%; dificuldade com textos digitalizados 2,32%.

Cabe ressaltar que, entre esses motivos, destaca-se, com maior frequência de respostas, a dificuldade de concentração 48,83%, como disseram os participantes: “Tipo assim, às vezes eu tô lendo, tô pensando em outra coisa, algum problema, tudo me distrai” (E42); dificuldade em entender textos complexos e/ou textos que apresentam termos técnicos 44,18%: “É... hum... eu acho que eu tenho em alguns textos por exemplo, é hoje eu estudei pra psicanálise, eu tive um pouco de dificuldade nos textos do Freud [...]” (E1); e interpretar leitura de textos 27,90%: “Bom, a gente dá aquela gaguejada de vez em quando, é... questão de interpretação (E7)”.

Sobre essas dificuldades relatadas pelos entrevistados, Solé (1998 *apud* ARANA *et al.*, 2013) afirma que a leitura não é um ato restrito a um momento, pois interpretar requer

conhecimento de mundo, requer conhecimento prévio sobre aquilo que pode ser encontrado na leitura. Estabelecer relação entre aquilo que se lê com os conhecimentos adquiridos também é apresentado como recurso importante para consolidação dos conteúdos lidos. A leitura acontece antes, durante e após o contato com o material a ser lido e requer envolvimento, construção de hipóteses sobre o que pode ser encontrado, destacando-se, nesse processo, o papel do professor como mediador para que o desafio de compreender o texto possa ser superado.

A literatura sobre compreensão leitora aponta a concentração como um dos fatores importantes na aquisição da leitura. Silva e Witter (2008) citam a falta de concentração como uma das possíveis causas para o estudante universitário apresentar dificuldade de leitura. Desse modo, deve ser considerado, também, o contexto sócio-cultural da sociedade contemporânea para essa falta de concentração/desatenção, visto que urge por rapidez, superficialidade e excessos de estímulos. Outro fator que pode comprometer a atenção dos universitários é a baixa qualidade do sono, conforme mostrou o estudo de Mello (2006).

Na **Categoria 2, Fatores favoráveis à leitura dos estudantes que participaram do estudo**, foi possível investigar o comportamento de leitura também dos familiares. Nesse aspecto, quando perguntados sobre o tipo de leitura que a família consumia: 51,16% dos estudantes responderam leituras religiosas; 32,55% revistas/jornais; 25,58% não possuem hábito de leitura; 20,93% citaram ler outros tipos de materiais, como infantis, política, misticismo, pecuária e autoajuda; 18,60% disseram didáticos; 16,27% redes sociais; 11,62% romance; 9,30% histórias; e 9,30% leem ficção.

Desse modo, observa-se que o tipo de leitura mais consumida é a religiosa, sendo a bíblia um material de leitura, como apresentado na fala do (E4): “minha irmã, meu pai, minha mãe, eles leem muito a Bíblia”. É importante considerar a complexidade da leitura que esse livro exige, sendo interessante investigar a influência dos gêneros textuais consumidos pela família na habilidade de leitura dos alunos do curso de psicologia.

Dos 43 entrevistados, 25,58% citaram não observar seus familiares realizarem nenhum tipo de leitura.

Sobre essa constatação, a literatura destaca que pais ao lerem na presença dos filhos demonstram gosto pela atividade leitora e que esse gosto pode ser repassado de forma transgeracional (CLARK; RUMBOLD, 2006 *apud* MULLAN, 2010). Assim, segundo Mullan

(2010), o comportamento de leitura dos filhos pode ser moldado pelos hábitos de leitura dos pais, não por um processo sistemático de ensino da leitura, mas como um compartilhamento de preferências e interesses que são partilhados entre os membros da família.

A **Categoria 3, Fatores desfavoráveis à leitura dos estudantes que participaram do estudo**, apresentou quatro condições que, de acordo com os entrevistados, tornam o ambiente desfavorável para a realização da leitura, a saber: ausência de estímulos familiares 30,23%; ruídos externos 20,93%; presença de filhos pequenos no ambiente 4,65%; e desorganização 4,65%.

Dos 43 estudantes entrevistados, 86,04% afirmaram utilizar a casa para realização da leitura, 13,95% realizam a leitura no ônibus, 11,62% no trabalho e apenas 16,27% alegaram utilizar a biblioteca ou outro espaço da faculdade para ler. Percebe-se, com esses dados, uma baixa frequência de alunos nas bibliotecas e maior exposição a um ambiente inadequado para leitura, o que pode refletir na capacidade de concentração alegada por alguns estudantes e já discutida anteriormente. Supõe-se ainda que, mesmo a maioria dos estudantes relatando que consegue observar seus familiares lendo, para alguns isso pode ser considerado insuficiente para motivar suas leituras, uma vez que 30,23% dos entrevistados alegaram ausência de estímulos familiares no desenvolvimento da leitura.

De acordo com Alves (2007), os lugares para a realização da leitura são importantes, inclusive uma biblioteca que tenha livros acadêmicos e livros que se aproximem da realidade dos estudantes.

A **Categoria 4, Trajetória Escolar**, divide-se em duas subcategorias: **Aspectos que estimularam a leitura dos estudantes entrevistados no contexto escolar** e **Aspectos que não estimularam a leitura dos estudantes entrevistados no contexto escolar**. Na subcategoria, **Aspectos que estimularam a leitura dos estudantes entrevistados no contexto escolar**, foram elencados sete fatores: atividades escolares 30,23%; existência de biblioteca 27,90%; estímulo a partir da graduação/universidade 6,97%; aquisição de novos conhecimentos 4,65%; leitura obrigatória 4,65%; estímulo dos colegas 2,32%; e não especificado 2,32%. Assim sendo, os resultados sugerem que, apesar de a educação no Brasil sofrer críticas, inclusive e principalmente com relação ao ensino público, a maioria dos entrevistados alegou ter sido estimulada ao longo da trajetória escolar, seja por meio de livros

e bibliotecas ou por atividades acadêmicas que foram desenvolvidas nas disciplinas ministradas pelos docentes.

Sobre a utilização de bibliotecas pelos participantes, o estudo evidenciou que, ao longo do Ensino Fundamental e Médio, eles utilizaram mais esse espaço escolar comparando com o uso na Graduação em Psicologia. No entanto, o número de graduandos entrevistados que percebem a biblioteca como um espaço promotor de estímulo à leitura é consideravelmente pequeno. Isso pode estar relacionado aos achados de Bordenave e Pereira (2004) que, ao realizarem um estudo com professores do ensino superior, sobre alunos que leem pouco, afirmaram fatores como: falta de hábito de leitura, baixa frequência à biblioteca, utilização de apostilas, excessiva carga horária, falta de estímulos no uso da biblioteca por parte dos professores.

Como advertem Oliveira *et al.* (2015, p. 6), “a sedução para gostar de ler começa na escola. Para poder ler é preciso saber ler. Para gostar de ler, também é preciso saber ler”. Dessa forma, a leitura, enquanto prática sócio-cultural, deve proporcionar discussões, troca de ideias e apreciação dos significados em um ambiente harmonioso, com resultados significantes para leitores e professores. O papel do professor torna-se essencial, uma vez que ele será mediador entre o aluno e o conhecimento transmitido por meio de leituras (OLIVEIRA *et al.*, 2015).

Na subcategoria, **Aspectos que não estimularam a leitura dos estudantes entrevistados no contexto escolar**, foram elencados sete fatores: ausência de estímulo no ambiente escolar 23,25%; leitura obrigatória 18,60%; barulho 6,97%; espaço desfavorável para a leitura 4,65%; dificuldade de acesso à biblioteca/má qualidade da biblioteca 4,65%; interrupção das aulas 2,32%; e leitura oferecida considerada inadequada para a idade 2,32%.

Os aspectos apresentados nessa última subcategoria revelaram duas dimensões: a primeira relacionada ao ambiente escolar como um fator não incentivador para o estudo, considerando seu espaço físico, ruídos e interrupções; a segunda como um lugar não incentivador, considerando a segregação da autonomia dos estudantes, por meio da qual determina a leitura obrigatória ou inadequada para cada idade. Essa obrigatoriedade, que desmotiva o aluno ao estudo, condiz com os achados de Rosa (2014), que alerta para um perfil profissional de futuros professores que precisam atentar-se à capacidade de sua própria compreensão leitora. Isso, conseqüentemente, refletirá nas formas de ensinar o aluno a ler,

gostar de ler, com metodologias de ensino alternativas que ofereçam a eles os estímulos necessários ao desenvolvimento da leitura.

Na **Categoria 5**, apresenta-se a **Percepção sobre o comportamento de leitura dos estudantes entrevistados**, informações acerca do tipo de leitura frequentemente realizada, quais tipos de materiais os participantes costumam acessar e a percepção quanto à qualidade da leitura.

Quando perguntado perguntados sobre o tipo de leitura mais consumido por eles, 74,41% dos estudantes citaram didáticos, 16,27% religiosos, 16,27% ficção, 13,95% romance, 6,97% autoajuda, 2,32% contos e 2,32% literaturas clássicas. Os materiais frequentemente lidos no curso por esses participantes, e citados na entrevista, são artigos científicos 79,06%, capítulos de livros 41,86%, livros 23,25%, revista de psicologia 9,30%, entre outros 2,32%.

Os materiais mais acessados e o tipo de leitura mais consumida pelos participantes correspondem, respectivamente, a artigos científicos 79,06% e os didáticos da disciplina 74,41%. Nesse sentido, Silva *et al.* (2015) afirmam que fontes diversas de informação se tornam relevantes visto que a interação dos elementos textuais favorece o ensino-aprendizagem e permite modificar dados em conhecimento. Por outro lado, Carvalho *et al.* (2006) sinalizam que a sociedade global tem se apoiado em fragmentos de estudos, como capítulo de livros, parte de artigos, recortes de filmes e imagens descontextualizadas para realizar a leitura. Sendo assim, os autores consideram que há uma contradição em embasar-se em recortes de informações e simultaneamente formar cidadãos integrais.

Os participantes responderam, ainda, sobre a percepção que eles têm em relação ao nível de proficiência da própria leitura. Nessa pergunta, 32,55% dos alunos avaliaram seu nível de leitura como bom ou muito bom, 39,53% consideram que a leitura evoluiu e/ou melhorou com o passar do tempo, 18,60% consideram a própria leitura como razoável e 6,97% descreveram a proficiência em leitura como ruim.

Mesmo declarando apresentar dificuldades de leitura 32,55% alegaram ter uma leitura boa. Com base nesse resultado, enfatiza-se que os próprios estudantes parecem demonstrar confusão ou dificuldade em explicitar a real dificuldade com a realização da leitura. De acordo com Oliveira e Santos (2005), a leitura pode basear-se em meramente juntar as letras do alfabeto, formar palavras e, assim, possibilitar a comunicação entre as pessoas. Entretanto,

em uma visão mais abrangente, realizar a leitura significa muito mais, refere-se a ler e entender o que foi lido.

Para Tourinho (2011), tais inquietações relativas ao processo de leitura provêm do fato de que uma leitura eficiente possibilita melhores condições para a diversificação e ampliação das informações. Sobretudo, existe diferença entre saber ler e praticar efetivamente a leitura: uma enquanto necessidade que possibilita o indivíduo alcançar a execução de atividades básicas, como executar tarefas cotidianas; a outra é como um importante instrumento para o exercício da cidadania e para a inserção do indivíduo na sociedade. De fato, o que acontece é que vários estudantes apresentam atraso de leitura, mas, mesmo assim, acabam chegando à universidade, de acordo com Alves (2007).

Subentende-se, então, na visão de Tourinho (2011) que, para entrar na universidade, o estudante deveria ser capaz de ler e compreender um texto, pois é preciso que ele seja independente, criativo, proponha alternativas, elabore hipóteses, indique proposições originais, recombine elementos textuais, contextualize relações do texto com experiências vividas e, assim, tenha uma elaboração criativa e coerente da leitura que está sendo desenvolvida.

Sendo assim, fatores relacionados à complexidade dos textos, às estratégias de leituras deficitárias ou até mesmo a inexistência de estratégias, como também as poucas fontes de recursos utilizados, a dificuldade de compreensão e concentração, uma trajetória escolar não promotora da competência leitora e a falta de estímulo familiar à leitura podem explicar a autodeclaração desses alunos da não aquisição de uma competência leitora de qualidade almejada no ensino superior. Dessa forma, é fundamental conhecer os níveis de compreensão de leitura dos estudantes para que se possa intervir promovendo a leitura dos mesmos (SANTOS, 1997 *apud* ALCARÁ; SANTOS, 2015).

Conclusões

Considera-se que o presente trabalho atingiu os objetivos propostos de conhecer o perfil dos estudantes de um curso de Psicologia, que apresentam dificuldade de leitura, e, ao mesmo tempo, contribuir para a compreensão dessa realidade no campo do ensino superior. Verificou-se que o perfil dos estudantes universitários pesquisados, que participaram deste estudo e se autodeclararam com dificuldade em leitura, em sua maioria, possuem perfil,

história familiar e acadêmica e comportamento de leitura semelhantes aos achados em outras pesquisas, pois os estudantes participantes desses estudos, em sua maioria, também são universitários que, em sua trajetória escolar, não foram muito estimulados a realizar leitura por prazer, mas sim para cumprimento das exigências escolares, tendo pouco incentivo familiar, ausência do hábito da leitura, apresentando dificuldades de interpretação e concentração.

As estratégias utilizadas pelos entrevistados para melhorar a leitura poderiam ser ampliadas, reforçando o papel do ensino superior em promover a qualidade leitora de seus estudantes. Acredita-se que os resultados deste estudo podem subsidiar informações significativas para a compreensão leitora dos estudantes do curso de Psicologia da IES na qual a pesquisa foi realizada, propiciando conhecimentos para o corpo docente e para a gestão do curso.

O presente trabalho pode, ainda, contribuir para a elaboração de planejamentos de intervenção que minimizem a dificuldade de leitura dos estudantes, estimulando-os ao hábito e prazer de ler para além das obrigações acadêmicas, contribuindo, assim, para que esses estudantes desenvolvam a autonomia e o senso crítico esperado nos universitários e futuros profissionais.

A partir desses achados, outras inquietações surgiram, tais como conhecer as percepções e sentimentos desses estudantes participantes desse estudo sobre suas dificuldades de leitura, visto que alguns relataram sofrimento psíquico com sua dificuldade leitora. Também suscitou interesse em investigar o processo de leitura e escrita na produção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pois participaram deste estudo estudantes que estavam realizando o TCC e todos afirmaram muita dificuldade na realização dessa atividade acadêmica.

Referências

ABRANTES, N. N. F. Trabalho e estudo: Uma conciliação desafiante. **Anais do IV Fórum Internacional de Pedagogia**. Campina Grande, 2012. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/485>. Acesso em: 05 mar. 2019.

ALCARA, A. R.; SANTOS, A. A. A. Avaliação e desenvolvimento da compreensão de leitura em universitários. **Estudos de Psicologia**. Campinas, Campinas, v. 32, n. 1, Jan/mar. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2015000100063&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 24 set. 2016.

ALVES, L. M. S. A. Leitura e universidade: comportamento de leitura na Formação do pedagogo da UFPA. **Anais do XXIII Simpósio Brasileiro, V Congresso Luso-Brasileiro, I Colóquio Líbero-Americano de política e Administração da Educação**. Porto Alegre-RS, 2007. Disponível em: http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simpósio2007/. Acesso em: 24 set. 2016.

ARANA, A. R. A. *et al.* Estratégias da leitura na escola. **Revista Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v.10, n. Especial, Jul/dez 2013. Disponível em: <http://www.unoeste.br/site/enepe/2013/suplementos/area/Humanarum/Letras/ESTRAT%C3%89GIAS%20DA%20LEITURA%20NA%20ESCOLA.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BELUCE, A. C. *et al.* Compreensão em leitura em universitários: estudo comparativo. **Anais do X CONPE – Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá-PR, 2011. Disponível em: https://abrapee.files.wordpress.com/2012/02/conpe-trabalhos-completos-anais_x-conpe-final.pdf. Acesso em: 24 Set 2016.

BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n.466 de 12 de dezembro de 2012**. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União. Brasília, 12 dez. 2012. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 24 set. 2019.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n.510 de 07 de abril de 2016**. Diário Oficial da União. Brasília, 07 abr. 2017. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 24 set. 2019.

_____. Ministério da Educação. **Brasil noPISA 2015: análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes brasileiros / OCDE-Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Fundação Santillana, 2016. Disponível em: http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2015/pisa2015_completo_final_baixa.pdf. Acesso em: 14 set. 2020.

_____. Ministério da Educação. Inep. **Preskit Ideb**, Brasília. 2017. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/portal_ideb/press-kit/2017/press-kit_ideb2017.pdf. Acesso em: 14 set. 2020.

CANTALICE, L. M. Ensino de estratégias de leitura. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, vol.8, n.1, jun. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572004000100014. Acesso em: 23 fev. 2019.

CARVALHO, L. S. *et al.* A Leitura na sociedade do conhecimento. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 11, n. 1, jan/jul 2006. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/459/576>. Acesso em: 23 mar. 2019.

DIAS, F.C. R.; SILVEIRA, M. I. M. Reflexões acerca da leitura para estudo e leitura do texto científico na universidade. **Anais do VI Encontro de Pesquisa em Educação**. Alagoas, 2010. Disponível em:

http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/ed3d2c21991e3bef5e069713a_f9fa6ca.pdf. Acesso em: 26 fev. 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**: São Paulo: Atlas, 2008.

MELLO, M. J. G. **O Efeito da Privação do Sono no Desempenho da Atenção não Interativa (Extrínseca) em Estudantes Universitários**. 2006. 127 f. (Dissertação) Mestrado em Cognição e Linguagem - Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2006. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp128800.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2019.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MULLAN, K. *Familiesthatread: A time-diaryanalysisofyoungpeople'sandparentsreading*.

JournalofResearch in Reading, Malden, v.33, n. 4, 2010. Disponível em:

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-9817.2010.01438.x>. Acesso em: 26 fev 2019.

NUNES, M. L. T. Entrevista como instrumento de pesquisa. In: MACEDO, MM M. K.; CARRASCO, L. K. (Orgs). **(Con) textos de entrevista: olhares diversos sobre a interação humana**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

OLIVEIRA, A. A. *et al.* Leitura na escola: espaço para gostar de ler. Campo Grande, **Instituto de Ensino Superior da FUNLEC – IESF**. 2015. Disponível em:

http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT4%20PDF/LEITURA%20NA%20ESCOLA%20ESPA%20C7O%20PARA%20GOSTAR%20DE%20LER.pdf. Acesso em: 26 fev. 2019.

OLIVEIRA, K. L. Considerações acerca da compreensão em leitura no ensino superior. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 31, n. 4, 2011. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932011000400003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 ago. 2020.

OLIVEIRA, K. L.; SANTOS, A. A. A. Compreensão em Leitura e avaliação da aprendizagem em universitários. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, vol.18, n.1, jan/abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n1/24825.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2019.

ROSA, M. T. **Compreensão leitora em formadores de leitores: um estudo com alunos e professores dos cursos de letras e pedagogia**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, Londrina, 2014. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000200274>. Acesso em: 24 set. 2016.

SANTOS, S. J. B. A importância da leitura no ensino superior. **Anais do 16º COLE – Congresso de Leitura do Brasil**. Campinas, 2007. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/index.htm>.

Acesso em: 24 set. 2016.

SILVA, E. M. T.; WITTER, G. P. Compreensão de texto e desempenho acadêmico em estudantes de psicologia. **Estudos de Psicologia**, Campinas, vol.25, n.3, jul/set. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n3/a08v25n3.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2019.

SILVA, M. F. *et al.* O hábito de leitura dos universitários. **Revista Leitura**, Alagoas, v.2, n.56, jul/dez. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/viewFile/2336/2039>. Acesso em: 23 fev. 2019.

SILVA, M. J. M.; SANTOS, A. A. A. A avaliação da compreensão em leitura e o desempenho acadêmico de universitários. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.9, n.3, set/dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n3/v9n3a13>. Acesso em 22 fev. 2019.

TOURINHO, C. Refletindo sobre a dificuldade de leitura em alunos do ensino superior: “deficiência” ou simples falta de hábito? **Revista Lugares de Educação**, Bananeiras, v. 1, n. 2, jul/dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rle/article/view/10966/7272>. Acesso em: 24 fev. 2019.